

## OS MODOS DE CONDUÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NO CURRÍCULO COM GÊNERO E SEXUALIDADE

*ET 16 - Gênero e Profissionalização Docente: Desafios do Tempo Presente*

Mateus Meira Ferraz <sup>1</sup>  
Magno Clery da Palma-Santos <sup>2</sup>

### RESUMO

Gênero é uma temática controlada por normas e padrões que instituem formas de condução da atividade docente. Questionamos como as estratégias direcionadas a gênero provocam efeitos na docência. Objetivamos problematizar as forças empreendidas para conduzir a temática no trabalho de professores/as e analisar os efeitos na atuação profissional por meio da entrevista narrativa semiestruturada com uma docente de Biologia. As estratégias de silenciar a temática na graduação ou conectá-la apenas à visão biológica provocaram insegurança no trabalho da professora. A participação no mestrado e o acontecimento relacionado ao nome social de uma discente demandou da docente a ampliação do olhar para gênero. São aspectos que evidenciam os desafios relacionados ao trabalho com gênero na escola.

**Palavras-Chave:** profissionalização, vigilância, gênero.

### INTRODUÇÃO

A perspectiva teórica de conduta está relacionada com “governo” para além do sentido político, é controlar, vigiar e fazer alguém seguir um caminho (FOUCAULT, 2008). Nessa perspectiva, o presente trabalho discute as formas de governo utilizadas para direcionar a caminhada profissional de docentes no que se refere à temática gênero, compreendida como um processo construtivo, histórico e relacionado com a sexualidade. Consideramos necessária a discussão sobre a temática como observado nos trabalhos de Montagnoli e Vizotto (2021), Paraíso (2018) e Heerdt *et al.* (2018).

O trabalho com gênero no currículo das escolas está, sobretudo, conectado a uma visão biológica sendo preciso ampliar a discussão para que outros entendimentos sejam possíveis e não se prender a uma visão prescrita (PARAÍSO, 2018). Segundo Soares e Monteiro (2019, p. 30), “os elementos das relações de gênero estão presentes

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - BA, [mateusmferraz@gmail.com](mailto:mateusmferraz@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor, professor orientador (UESB) [msantos@uesb.edu.br](mailto:msantos@uesb.edu.br)

nas salas de aula, em diferentes momentos e de diferentes formas”, não devendo ser, portanto, negligenciados pelos integrantes da gestão, do corpo docente e dos demais serviços prestados na escola. Por isso, questionamos como as estratégias direcionadas à referida temática provocam efeitos no trabalho docente. Objetivamos problematizar as forças empreendidas para conduzir a temática gênero na docência e analisar os efeitos na atuação profissional.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Gênero: um conceito em produção

Para Louro (2013), a concepção de gênero comumente é baseada em biotipos, órgãos reprodutivos e cromossomos sexuais, unificando os conceitos de gênero e sexo biológico. Foi por meio “das feministas anglo-saxãs que *gender* passa a ser usado como distinto de *sex*” (LOURO, 2013, p. 21), servindo, dessa maneira, como ferramenta analítica e, simultaneamente, política. No Brasil, todavia, será mais no final da década de 1980 que as feministas passarão a utilizar este termo, inicialmente de uma maneira mais “tímida”, mas de forma ampla com o passar do tempo (LOURO, 2013).

Conforme Connell e Pearse (2015, p. 36), o gênero é tomado como algo dado, fazendo com que reconheçamos alguém como “homem ou mulher, menino ou menina, instantaneamente”. Uma divisão dicotômica, binária que cria estereótipos para masculinidades e feminilidades, legitimando os modos de vestir, de se comportar e de agir, naturalizando posições e fixando os corpos (OLIVEIRA; FERRARI, 2021). São arranjos que se tornam familiares como se fizessem parte da natureza (CONNELL; PEARSE, 2015), e contribuem para escandalizar os comportamentos que fogem do padrão.

Precisamos desconstruir a ideia de gênero como algo dado, naturalizado, essencializado e afirmá-lo no jogo “do verdadeiro e falso que está organizando os saberes sobre sujeitos, seus corpos, seus desejos e seus gêneros e sexualidades” (OLIVEIRA; FERRARI, 2021, p. 202). É preciso que a sociedade analise a sua visão de diversidade, pois “o gênero se constrói a partir de discursos, que dizem quais são as formas verdadeiras que constituem as pessoas na sua condição de sujeitos” (OLIVEIRA; FERRARI, 2021, p. 202), indicando um padrão a ser seguido e regulando indivíduos.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

### Gênero como lentes para olhar a formação docente

O conceito predeterminado e imutável de gênero contribui para a regulação e condução dos sujeitos, o que não é diferente quando tratamos da atividade docente. Conectamos esta discussão como ato provocador do trabalho de professores/as, uma vez que é composto de tradições e ideologias impostas (IMBERNÓN, 2011). Nessa atividade, desde o início do século XX, “o ato de educar era atividade feminina, especialmente por envolver o cuidado aos outros” (ARAÚJO *et al.*, 2006, p. 1119), com reflexo binário nos currículos praticados.

Caetano e Neves (2009) apontam que as concepções normatizadas contribuíram para a hierarquização no trabalho, sendo o homem responsável pela esfera produtiva e a mulher o papel da reprodução. Entendimento generalista e que pode silenciar as atividades relacionadas a gênero nos currículos escolares. Para Montagnoli e Vizotto (2021, p. 298), “a perseguição aos estudos de gênero promoveu o silenciamento dos estudos sobre diversidade na formação”, sobretudo, no trabalho docente (MONTAGNOLI; VIZOTTO, 2021). A escola é um dos espaços propícios ao desenvolvimento de atividades sobre gênero e existem normas instituídas e divulgadas, as quais promovem desigualdades, hierarquias, dificultando a vida de muitas pessoas (PARAÍSO, 2018).

Ocasionalmente, as atividades desenvolvidas por grupos específicos de professores/as são interditas pela resistência da direção ou dos familiares dos estudantes. Vale destacar, ainda, a redução das discussões em materiais didáticos e no currículo da graduação desses/as profissionais (SOARES; MONTEIRO, 2019), não podendo ser ignorada, uma vez que eles/elas são instigadores dos sujeitos, de suas críticas e posicionamentos sobre gênero”.

### **METODOLOGIA**

A relação dinâmica entre a realidade e o sujeito corresponde à natureza deste trabalho qualitativo. Para a produção dos dados, utilizamos a entrevista narrativa semiestruturada, técnica que permite maior liberdade, espontaneidade e enriquecimento à investigação (TRIVIÑOS, 2015). Seguindo os protocolos éticos, a entrevista ocorreu via *Google Meet* com uma professora de Biologia do Ensino Médio da Rede Estadual em Vitória da Conquista-BA. Para a análise dos dados referentes à vivência docente no que se refere a gênero, realizamos a transcrição das falas, sublinhamos, destacamos as

evidências e discutimos com os objetivos e o referencial teórico da pesquisa (GANCHO, 2006).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A professora iniciou o relato anunciando que em sua graduação foram poucas as atividades focadas em gênero: “A temática gênero? Não... Já a temática sexualidade, sim. E ainda foi muito aquela visão mesmo biológica da sexualidade” (Professora, entrevista 2022). No seu entendimento, o trabalho com esse viés prepara docentes para a visão puramente biológica. Esse fato pode estar relacionado com os conteúdos que são trabalhados nas disciplinas de Ciências e Biologia, como a reprodução (SOARES; MONTEIRO, 2019).

A aproximação do/a professor/a de Ciências e Biologia com temáticas relacionadas a gênero não ocorre em demasia com outras áreas (SOARES; MONTEIRO, 2019). Uma estratégia de condução pela área e pelo que se deve dizer, mas seria importante considerar “a própria expressão do ser desejante que está no mundo com o outro” (PÊPE; DUARTE, 2003, p. 130).

A sua experiência em sala de aula tomou outra direção com um acontecimento.

Minha experiência em sala de aula mudou depois que eu tive uma aluna trans e isso, digamos, me sensibilizou para a questão. Ela chegou primeiro como... vou usar nomes aqui fictícios... como José e em questão de duas semanas se transformou em Maria. Chegou muito tímido na sala, no meio do ano e aquelas relações de amizade já estavam estabelecidas. Quando se transformou em Maria, eu percebi outra pessoa bem expansiva, que já estava se relacionando bem. (Professora, entrevista 2022).

Demandada pelo acontecimento na sala de aula, a docente informou que a ausência de tais abordagens ocasionou uma lacuna na sua formação. É uma discussão importante, pois aquele “corpo estranho” no espaço escolar faz parte das relações sociais (LOURO, 2013). Para a autora, “a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino” (LOURO, 2013, p. 89).

Os posicionamentos dos/das seus colegas de trabalho e dos/as alunos/as a fez refletir sobre a questão do nome social.

[...] na sala dos professores, a expressão, ‘olha, o aluno fulano de tal agora vai ser chamado Maria’, refletiu em piadinhas e logo pensei na situação de bullying. E me surpreendi, positivamente: os colegas de

classe levaram tudo com muita naturalidade, diferentemente de alguns professores que se recusaram inclusive a usar o nome social. (Professora, entrevista 2022).

A naturalização dos corpos se acomodou nos sujeitos docentes e os fez dizer coisas relacionadas ao gênero como algo estático. Decorre disso o reconhecimento dos indivíduos como pertencentes ao padrão masculino ou feminino de modo instantâneo (CONNELL; PEARSE, 2015). Diante dessa divisão dicotômica, a sociedade se propõe a se organizar em torno de um padrão binário, com consequências voltadas à essencialização e discriminação dos sujeitos (OLIVEIRA; FERRARI, 2021).

As discussões de gênero silenciadas no período da sua graduação a fez insegura para trabalhar com tais questões no período profissional. Ainda que a escola esteja atenta a esses aspectos, a realização do mestrado contribuiu para a ampliação do seu olhar.

[...] a escola que eu atuo tem ficado muito atenta em relação a isso. Nesse contexto eu acabei fazendo mestrado e tentei, né, discutir essa temática também. Tentei porque eu não me sinto tão segura, apesar de já ter escrito algo a respeito, não me sinto plenamente segura para lidar com todas essas questões. (Professora, entrevista 2022).

O trabalho com as questões de gênero corresponde a outra demanda da atividade profissional docente. Um processo que se soma à luta diária, baixa remuneração, descaso de alguns/algumas alunos/as (SANTOS; SOUZA, 2015). Conforme relato, “mesmo na sala de aula, que a gente venha debater certas coisas, parece que isso extrapola o muro da escola e que às vezes isso respinga na gente” (Professora, entrevista 2022). Na atividade docente o receio em trabalhar com gênero é comum, pois os “posicionamentos de algumas famílias, líderes políticos e religiosos ocasionam medo e insegurança nestes profissionais” (SANTOS; SOUZA, 2015, p. 210).

São desafios impostos ao cotidiano do trabalho docente e, mesmo assim, a professora informa que continua realizando discussões e orientando seus/suas alunos/as. Utilizar atividades com gênero no currículo escolar, a partir da ampliação do conceito, pode ser um caminho para tornar as vidas vivíveis (PARAÍSO, 2018). Discutir a heteronormatividade, formas de controle e interdições com a turma favorece as reflexões e problematizações das normas estabelecidas (SANTOS; SOUZA, 2015). A possibilidade de discussão dos aspectos para além do biológico é urgente e colabora com o avanço das discussões. Nesse contexto, a docente relatou que

[...] voltei a atuar com esse olhar, digamos, mais sensível para essas questões. Fui trabalhar, por exemplo, lá a questão de XX e XY e aí eu me vi preocupada em discutir com os meus alunos não só a condição biológica, mas os papéis sociais e que existem outras questões que venham a determinar o que é ser um homem ou uma mulher. (Professora, entrevista 2022).

A ação da docente contribuiu para modificar as formas de pensar sobre a temática e não fortaleceu a concepção, que desconsidera o contexto cultural e social dos corpos. Adicionou às aulas aspectos que vão além do biológico e ressaltou que os indivíduos não estão prontos, eles são seres sociais. Decorre desse entendimento a ideia de constituição do sujeito. Modo de corroborar com a compreensão de que “uma pessoa vai se constituindo e constituindo o outro também, por meio dos saberes alcançados que se prestam a julgar ‘normais’ ou ‘anormais’, negociando formas de existir e resistir”. (OLIVEIRA; FERRARI, 2021, p. 204).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas estratégias conduziram a atividade docente, como o silenciamento sobre a referida temática no período da graduação; a conexão com a visão biológica da sexualidade; a insegurança para tratar na sala de aula e a participação no mestrado. Ficou evidente a sua preocupação com o posicionamento dos/as colegas e dos/as discentes com a presença de um/a aluno/a que assumiu seu nome social. São aspectos mobilizadores da ação docente, que apresentaram possibilidades de trabalho e evidenciam os desafios relacionados à abordagem com gênero na escola.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. M. *et al.* Diferenciais de gênero no trabalho docente e repercussões sobre a saúde. **Ciênc. saúde coletiva**. v.11 n.4. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://old.scielo.br/pdf/csc/v11n4/32347.pdf>>. Acesso em 28 mar. 2022.

CAETANO, E.; NEVES, C. E. P. Relações de gênero e precarização do trabalho docente. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n. Especial, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639539/7108>>. Acesso em: 28 maio. 2022.

CONNELL, R.; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France, 1977-1978. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

HEERDT, B. *et al.* Gênero no ensino de ciências publicações em periódicos no Brasil: o estado do conhecimento. **ReBECER**, Cascavel, (PR), v. 2, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/rebecer/article/view/20020/13183>>. Acesso em: 28 maio, 2022.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MONTAGNOLI, R. L.; VIZOTTO, L. (não) vamos falar sobre diversidade: o silenciamento na formação de docentes no século XXI. **Revista Communitas**, v. 5, n. 9, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/4674/139>>. Acesso em: 25 maio 2022.

PARAÍSO, M. A. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do *slogan* “ideologia de gênero”. In: \_\_\_\_\_; CALDEIRA, M. C. S. (Orgs.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. p. 23-52.

PÊPE, A. M.; DUARTE, J. B. Educação sexual, orientação sexual ou educação para a sexualidade? Uma decisão e uma posição a serem tomadas pela escola. In: TEIXEIRA, P. M. M. (Org.). **Temas emergentes em educação científica**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2003.

OLIVEIRA, D. A.; FERRARI, A. 2021. “No meu tempo, [...] haveria um respeito ao sexo e ao gênero das pessoas”: reiteraões das normas de gênero e da heteronormatividade no currículo escolar. **Revista Linhas 22(48)**: 194-220.

SANTOS, F. F.; SOUZA, M. L. Educação, gênero e sexualidade: percursos e instabilidades do fazer-se pesquisadora/pesquisador-professora/professor. **Espaço do currículo**, v.8, n. 2, p. 209-222, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/rec.2015.v8n2.209222/13922>>. Acesso em: 10 maio 2022.

SOARES, Z. P.; MONTEIRO, S. S. 2019. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em Revista 35(73)**: 287-305. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/KMSmJfk43rKWcRNHWHfWsfC/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 10 maio 2022.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2015.